

Do *boy lixo* ao *boy clt*: a conceptualização do homem na construção [boy X] do português brasileiro contemporâneo

*From boy lixo to boy clt: the conceptualization of man in the contemporary Brazilian
Portuguese [boy X] construction*

Diego Spader de Souza*

Universidade de Santa Cruz do Sul
Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Raphael Alves de Oliveira**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Natival Almeida Simões Neto***

Universidade Federal da Bahia/ Universidade Estadual de Feira de Santana
Salvador/Feira de Santana, Bahia, Brasil

Resumo: O presente artigo investiga a construção [boy X] no português brasileiro contemporâneo, tomando como base um *corpus* composto por ocorrências extraídas de interações no Instagram. A análise fundamenta-se na Semântica de *Frames* (Fillmore, 1982, 1985) e na Gramática de Construções (Goldberg, 2006; Croft, 2001; Pinheiro, 2025), modelos que compreendem o significado como emergente do uso e ancorado em conhecimento enciclopédico e cultural. O estudo descreve o padrão [boy X] como uma construção parcialmente preenchida, em que *boy* atua como núcleo avaliativo e categorizador do masculino, enquanto o slot X projeta sentidos irônicos, humorísticos e críticos sobre tipos de masculinidade. A partir da codificação de 66 ocorrências coletadas na rede social, identificam-se oito *superframes* que organizam os *frames* específicos ativados em cada ocorrência. Os resultados indicam que o significado da construção é não-composicional, emergindo da ativação de *frames* culturais que refletem julgamentos morais e afetivos sobre o homem contemporâneo.

* Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Brasil. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8989-4669>. E-mail: diegospader@unisc.br.

** Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLILP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista Capes - O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4361-6780>. E-mail: ra.alvesdeoliveira@gmail.com.

*** Professor Assistente de Língua Portuguesa da Universidade Federal da Bahia, onde atua na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Atua também no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana. Doutor em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: nativalneto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7972-2396>.

Palavras-chave: Construção [boy+X]. Semântica de *Frames*. Gramática de Construções. Linguística Cognitiva. Discurso digital.

Abstract: The present article investigates the [boy X] construction in contemporary Brazilian Portuguese, based on a corpus of occurrences extracted from interactions on Instagram. The analysis draws on Frame Semantics (Fillmore, 1982, 1985) and Construction Grammar (Goldberg, 2006; Croft, 2001; Pinheiro, 2025), theoretical frameworks that conceive meaning as usage-based and grounded in encyclopedic and cultural knowledge. The study describes the [boy X] pattern as a partially filled construction in which *boy* functions as an evaluative nucleus and as a categorial marker of masculinity, while the slot *X* projects ironic, humorous, and critical meanings about types of masculinity. From the coding of 66 occurrences collected on the social network, eight superframes were identified, which organize the specific frames activated in each instance. The results indicate that the construction's meaning is non-compositional, emerging from the activation of cultural frames that reflect moral and affective evaluations of contemporary manhood.

Keywords: [boy X] construction. Frame Semantics. Construction Grammar. Cognitive Linguistics. Digital discourse.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva apresentar uma análise da construção [boy X] à luz do aporte teórico-metodológico da Semântica de *Frames*, proposta por Charles J. Fillmore (1982; 1985), em interface com os postulados da Gramática de Construções, modelo desenvolvido no âmbito da Linguística Cognitiva (LC) a partir de contribuições fundamentais de Langacker (1987), Fillmore, Kay e O'Connor (1988), Lakoff (1993) e Goldberg (1995). A adoção desse arcabouço insere esta pesquisa no escopo da LC, movimento que emerge, a partir da década de 1980, como reação às abordagens formalistas da época, notadamente à Gramática Gerativa, de Noam Chomsky.

Importa ressaltar, também, que este trabalho, a unir a teoria dos *frames* semânticos ao conceito de construção, conforme entendido no bojo do cognitivismo, passa a integrar um *hall* de pesquisas previamente conduzidas que, tal qual esta, debruçaram-se sobre construções multilexicais no contexto das mídias sociais, tais quais Santos e Simões Neto (2020), Simões Neto (2018, 2019, 2024), Simões Neto, Santos e Salvador (2022), Simões Neto e Rodrigues (2023), Simões Neto e Souza (2023) e Simões Neto, Oliveira e Borges (2025).

A necessidade de recorrer a *frames* e construções como categorias analíticas reside no fato de que o significado do esquema [boy X] não é composicional, mas sim emergente. O núcleo *boy* atua como um categorizador avaliativo do masculino, enquanto o slot *X* ativa uma vasta rede de conhecimento sociocultural e experiencial que extrapola a literalidade. Nossa hipótese central é que a natureza polissêmica e avaliativa dessa construção só pode ser sistematicamente descrita e explicada pela ativação de *frames* conceptuais, os quais fornecem a estrutura de fundo para a conceptualização de tipos de masculinidade, como demonstrado nas ocorrências *boy miojo*, *boy CLT*, *boy lixo*.

Assim, o percurso analítico deste estudo se estrutura em três eixos principais: (a) a apresentação dos pressupostos teóricos da Semântica de *Frames* em sua relação com a

Linguística Cognitiva; (b) a fundamentação do conceito de construção e seu papel como unidade básica da Gramática de Construções; e (c) a aplicação do modelo *frame*-construção na categorização e análise do *corpus*, culminando na definição de *superframes* (como TEMPO E ROTINA, CORPO E DESEJO e CONSUMO E VALOR) que revelam os mecanismos sociocognitivos subjacentes à conceptualização do homem contemporâneo.

A arquitetura deste artigo foi delineada da seguinte forma: após esta introdução, o estudo procede à seção *A Semântica de Frames: linguagem, cultura e sociedade*, delineando o potencial do modelo fillmoriano para a descrição do significado linguístico. A seção subsequente, *Fundamentos da Gramática de Construções*, estabelece a articulação epistemológica com essa teoria gramatical, fundamentando a construção como unidade básica desse construto. Dando seguimento, a próxima seção detalha a constituição do *corpus* e os procedimentos metodológicos adotados para esta investigação. A seção *Análise e Discussão dos Dados* apresenta a sistematização das ocorrências e sua interpretação à luz dos *frames* e *superframes* agenciados. Por fim, apresentamos as *Considerações Finais*, em que se sintetizam as implicações teóricas e empíricas da interface *frames-construções* no caso da construção [boy X].

2 A SEMÂNTICA DE *FRAMES*: LINGUAGEM, CULTURA E SOCIEDADE

A investigação do significado no âmbito da Gramática de Construções demanda um arcabouço metodológico capaz de mapear a relação entre a forma linguística e o significado, este concebido como estruturas de conhecimento sociocultural e experiencial. É nesse ponto de articulação que a Semântica de *Frames* revela o seu potencial. O modelo fillmoriano oferece a ferramenta conceitual para delinear as estruturas de conhecimento — os *frames* — que alicerçam o sentido das unidades linguísticas. Visto que a Gramática de Construções postula que toda unidade linguística é um pareamento forma-significado, a Semântica de *Frames*, por extensão, provê o componente semântico para a análise das construções (Boas, 2021, Czulo *et al.*, 2023).

A Semântica de *Frames*, modelo teórico proposto por Charles J. Fillmore a partir de artigos seminais publicados ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990, pode ser entendida, conforme o próprio autor (1985), como uma semântica da compreensão, em oposição às chamadas semânticas da verdade, isto é, modelos formais para a análise do significado linguístico que desconsideram aspectos socioculturais e de uso. A teoria, que integra o quadro maior da Linguística Cognitiva (cf. Croft; Cruse, 2004; Souza; Santos; Chishman, 2025), nesse sentido, postula que os significados de palavras e expressões de uma língua podem somente ser compreendidos a partir da ativação de sistemas de conceitos e crenças, socialmente compartilhados, que os falantes adquirem a partir da experiência e da interação com o ambiente que os rodeia.

Consoante Fillmore (1982, p. 111), entende-se por *frame*

[...] qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, você deve entender a estrutura completa em que ele se insere; quando uma das coisas em tal estrutura é introduzida em um texto ou em uma conversa, todas as outras são automaticamente disponibilizadas.

Nesse sentido, à luz do modelo fillmoriano, as palavras não têm significado definido a priori. Contrário a essa ideia, Fillmore defende que itens lexicais funcionam como pontos de acesso para frames; em outras palavras, estruturas esquemáticas de conhecimento estruturado e armazenado na mente dos falantes, as quais são ativadas a partir do uso. Assim, quando o falante lança mão de certa palavra em certo contexto, o preenchimento dessa palavra com conteúdo semântico ocorre a partir do acesso a uma porção de conteúdo enciclopédico.

Importa ressaltar que o termo *frame* não era uma novidade na literatura científica quando Fillmore inicia, na década de 1970, o marco teórico da Semântica de *Frames*. O conceito já possuía uma trajetória consolidada nas ciências sociais e na inteligência artificial, sendo notavelmente empregado na Sociologia por Erving Goffman (1974), em sua análise de como os indivíduos organizam a experiência social em “enquadres” (*frames*), e na Ciência da Computação, por Marvin Minsky (1974), em sua proposta de *frames* como estruturas de dados para a representação de conhecimento estereotipado.

Fillmore, ao incorporar e adaptar essa noção para a Linguística, estabeleceu que os *frames* atuam como os sistemas de conceitos e crenças, socialmente compartilhados, que fornecem o conhecimento de fundo para a compreensão dos significados linguísticos.

Para melhor compreendermos o pensamento fillmoriano, considere-se dois exemplos. O primeiro, presente no texto clássico de 1982, *Frame Semantics*, é o do *frame* Transação Comercial. Palavras como *vender, comprar, produto, dinheiro, vendedor, comprador* etc. só podem ser compreendidas a partir da evocação da estrutura de conhecimento que sistematiza e organiza informações referentes ao evento de compra e venda de bens materiais.

A Semântica de *Frames* caracteriza-se, haja vista o que já foi exposto nesta seção, uma teoria altamente sensível ao contexto e dependente da cultura, o que se evidencia a partir de um segundo exemplo, com o item lexical *ponto* (Santos; Souza; Chishman, 2025), bastante polissêmico. Considere-se as seguintes sentenças em português brasileiro:

- (i) Não vou entrar nesse ponto com você.
- (ii) Não vou à festa e ponto!
- (iii) Não coloque ponto ao final do título.
- (iv) Estou te esperando aqui no ponto.

O item lexical *ponto* está presente nas quatro sentenças; contudo, o contexto de uso de cada uma delas é o fator determinante para a compreensão da palavra, que só é possível a partir da ativação de estruturas conceptuais distintas. Em (i), ponto ativa um

frame de ARGUMENTAÇÃO/DISCUSSÃO, delimitando uma questão ou tópico específico dentro de um debate. Em (ii), por sua vez, a palavra evoca um *frame* de DECISÃO/ENFATICIDADE, funcionando como um marcador discursivo que estabelece o encerramento incontestável de uma questão. Na sentença (iii), tem-se evocado um *frame* de ESCRITA/PONTUAÇÃO, em que *ponto* é entendido como um signo gráfico. Já em (iv), por fim, trata-se da ativação de um *frame* de LOCALIZAÇÃO ESPACIAL (ou TRANSPORTE PÚBLICO), referindo-se a um local demarcado no espaço geográfico. Essa polissemia demonstra o princípio central da Semântica de *Frames*: o significado só é acessado quando a expressão linguística “enquadra” o conhecimento enciclopédico pertinente, transformando o item *ponto* em uma estrutura de “acesso” a diferentes sistemas de conceitos socialmente compartilhados.

A análise dos exemplos precedentemente discutidos ratifica o potencial descritivo da Semântica de *Frames* para o significado linguístico, notadamente em sua dimensão contextual. Em seus textos seminais (Fillmore, 1982; 1985), Fillmore defendeu a teoria primariamente como um aparato teórico mais apto a modelar a semântica lexical de forma culturalmente guiada. Contudo, é imperativo salientar que o alcance da teoria para a análise linguística transcende o nível lexical, algo que se manifesta, na contemporaneidade, por meio de sólidas tendências de pesquisa na interface com estudos discursivos (cf. Vereza, 2013; Siqueira, 2013; Morato; Bentes, 2018; Santos, 2020; Parintins Lima, 2024). O potencial explanatório dos *frames* para além da palavra, todavia, já era sugerido, desde a sua origem, pela própria genealogia do modelo teórico, cujas raízes remontam a empreendimentos de pesquisa anteriores de Fillmore.

O desenvolvimento da Semântica de *Frames* tem suas raízes na Gramática de Casos, um modelo anterior do linguista (Fillmore, 1968) que já defendia que a função semântica e a estruturação sintática eram inseparáveis. A Gramática de Casos propôs que as sentenças são organizadas em torno de um predicador (geralmente um verbo) e um conjunto de papéis semânticos (os “casos”, como Agente, Paciente, Instrumento) que esse predicador exige. Embora a Gramática de Casos tenha sido, de certa forma, substituída pela Semântica de *Frames*, a ideia central permaneceu: o significado gramatical está intrinsecamente ligado a estruturas conceituais maiores que expressam a experiência humana.

Por mais que a Semântica de *Frames* tenha sua origem vinculada à Gramática de Casos e que, atualmente, haja tendências de pesquisas com *frames* em linhas discursivas e gramaticais, o conceito ganhou maior relevância e aplicação substancial a partir dos anos 1990 com o início do projeto *FrameNet*, liderado pelo próprio Charles Fillmore e colaboradores no *International Computer Science Institute*, da Universidade da Califórnia em Berkeley. A *FrameNet* busca construir um léxico eletrônico baseado em *frames*, nos quais as palavras são definidas por sua relação com os cenários conceituais que ativam. Esse projeto vinculou o conceito de *frame* diretamente a métodos lexicográficos e linguístico-computacionais, provendo uma base empírica e altamente estruturada para a descrição das relações entre o léxico e a estrutura conceitual (Souza; Santos; Chishman, 2025).

Não obstante a relevância da *FrameNet* para a descrição lexicográfica e para o Processamento de Linguagem Natural, o presente artigo adota a Semântica de *Frames* em uma perspectiva mais sociocultural, em consonância com o aspecto convencional e de uso da Gramática das Construções. Nosso objetivo não é realizar uma análise baseada nos pressupostos da *FrameNet*, isto é, mais voltada ao contexto computacional, mas sim usar o *frame* como lente interpretativa para identificar e descrever os cenários de conhecimento cultural e social que são projetados a partir das instâncias de uso da construção [*boy*+X]. O foco, portanto, reside na dimensão sociocognitiva e na emergência do significado no discurso.

No escopo da Linguística Cognitiva e em consonância com a Gramática de Construções, o *frame* atua como a fundação cognitiva que permite que a construção [*boy* X] tenha significado. Como demonstrado na seção anterior, o sentido do esquema [*boy* X] não resulta da soma literal dos seus constituintes, mas emerge da ativação de *frames* culturais associados a domínios de conhecimento externos, como *prazer efêmero* (*boy miojo*), *dúvida afetiva* (*boy boleto atrasado*) ou *rotina laboral* (*boy CLT*).

A análise dessas construções, como o esquema aqui estudado, sublinha a necessidade de um modelo gramatical que integre o significado e o conhecimento cultural diretamente na sua arquitetura. É exatamente essa integração que é central para a Gramática de Construções, teoria que emerge como resposta a modelos anteriores incapazes de conferir sistematicidade a expressões cujo significado é inerentemente construcional, contextual e dependente de conhecimento enciclopédico.

3 FUNDAMENTOS DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

A Gramática das Construções consiste em uma proposta teórica formulada no âmbito da Linguística Cognitiva, nos anos 1980, em resposta às limitações explicativas dos modelos formais de base gerativista. À época, a tradição dominante priorizava as construções sintáticas regulares e relegava ao léxico expressões idiomáticas e irregulares, tratadas como exceções ao sistema. Em oposição a essa perspectiva, a GC propõe reconhecer tais expressões como parte integrante da gramática, dotando-as de sistematicidade e *status* construcional (Fillmore; Kay; O'Connor, 1988).

Os primeiros trabalhos de Langacker (1987), Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e Lakoff (1993) consolidaram esse movimento ao demonstrar que expressões idiomáticas apresentam regularidades internas e funcionam como unidades gramaticais legítimas. Na década de 1990, Goldberg (1995) amplia o escopo do modelo, incorporando também as construções regulares e definindo a gramática como um sistema de pareamentos simbólicos entre forma e significado. Neste trabalho, adota-se a perspectiva de Goldberg (1995), segundo a qual esses pareamentos constituem a unidade central da GC, composta por dois polos interdependentes: o formal — que envolve propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas — e o funcional — que abrange dimensões semânticas, pragmáticas e discursivas (Croft, 2001; Pinheiro, 2025).

A partir dessa perspectiva, Goldberg (1995, 2006, 2019) consolida o princípio de que a gramática é composta por construções — entendidas como associações convencionais entre forma e função — que emergem e se estabilizam pelo uso. Em cada construção, aspectos formais e funcionais são armazenados cognitivamente e organizados em rede, compondo o que se denomina *constructicon*,¹ isto é, um léxico de construções interligadas por relações de herança e de subparte.

É possível observar que, nessa rede, como argumentam Langacker (1987, 1999, 2005), Hilpert (2019a, 2019b) e Diessel (2019), as construções distribuem-se em diferentes níveis de abstração, formando um continuum que vai de unidades altamente específicas e fixas até padrões abstratos e produtivos. O *constructicon* é, portanto, dinâmico e sensível à experiência — reorganiza-se em função da frequência de uso e das associações cognitivas (Goldberg, 2003; Stemberger; Macwhinney, 1988). Essa abordagem reforça o caráter simbólico e não modular da língua, concebida como um sistema único, no qual léxico e gramática se articulam por meio de relações gradientes e interdependentes.

No caso do português brasileiro, Pinheiro (2016) propõe uma tipologia que contempla diferentes níveis de esquematicidade e preenchimento lexical, configurando um continuum que vai desde palavras fixas até esquemas altamente abstratos e parcialmente preenchidos, conforme demonstrado no Quadro 1.

Quadro 1 - Continuum de construções gramaticais

Tipo de construção		Exemplo
Palavra		Árvore
Expressão fixa		Bom dia; cada macaco no seu galho
Esquema morfológico		Re + base verbal (ex.: <i>rearrumar, refazer</i>)
Esquema sintático semipreenchido		Que mané X; Que X o quê (ex.: que mané férias, que férias o quê)
Esquema sintático aberto		SVO (ex.: Réver cabeceou a bola)
Padrão entoacional		Ascendente

Fonte: Pinheiro (2016, p. 26)

Esse quadro evidencia a variedade interna da construção, indicando que a gramática, nesse modelo, não se restringe a regras abstratas nem se reduz a um conjunto de itens lexicais isolados. Ao contrário, ela abrange padrões com diferentes graus de

¹ O termo “*constructicon*” deriva da junção das palavras inglesas “*construction*” e “*lexicon*”, correspondendo à noção de “léxico de construções”.

esquematicidade e abstração, o que permite integrar construções regulares e idiomáticas em um mesmo arcabouço explicativo. Assim, a GC propõe uma concepção unificada entre léxico e gramática, rompendo com a dicotomia tradicional que separava essas duas esferas do conhecimento linguístico.

Nessa direção, Croft (2001) defende uma abordagem tipológica em que a distinção entre sintaxe e léxico se desfaz, uma vez que ambos são compostos por construções organizadas conforme diferentes níveis de abstração. A gramática, portanto, é concebida como um continuum de construções, da mais idiossincrática à mais esquemática, da mais fixa à mais produtiva.

Ainda nesse quadro teórico, Traugott e Trousdale (2021) identificam três propriedades recorrentes em todas as construções: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A primeira diz respeito ao grau de abstração formal; a segunda, à capacidade de gerar novas instâncias; e a terceira, à transparência na relação entre forma e significado. Essas propriedades, longe de serem binárias, devem ser entendidas como gradientes, isto é, situadas em espectros contínuos de variação (Bybee, 2016). Uma construção pode, por exemplo, ser altamente esquemática, mas pouco composicional; ou ser produtiva, mas não transparente semanticamente.

Barðdal (2008) observa, nesse sentido, que construções mais esquemáticas tendem a sancionar novos usos com maior frequência, o que as torna especialmente produtivas no repertório dos falantes. Essa observação reforça a noção de que o comportamento construcional não depende apenas de sua forma superficial, mas também do grau de generalização que comporta.

Desse modo, é importante destacar que essas propriedades não são estáticas. Como apontam Traugott e Trousdale (2013), construções estão sujeitas a processos de mudança ao longo do tempo. Essas mudanças podem torná-las mais abstratas, mais produtivas ou menos composicionais, conforme se reconfiguram na rede construcional da língua. Esse fenômeno — denominado construcionalização — corresponde à reorganização dos padrões linguísticos armazenados pelos falantes e fornece uma explicação para os processos de mudança gramatical dentro da GC.

Nesse escopo analítico, o padrão [*boy* X] é compreendido como uma construção sintático-semântica parcialmente preenchida, cuja expressividade decorre da articulação entre estabilidade formal mínima e alta variabilidade conceptual. O termo *boy* atua como elemento de ancoragem categorial, funcionando como marcador social e avaliativo do masculino contemporâneo, enquanto o *slot* X constitui o espaço de expansão criativa, em que se projetam inferências culturais, afetivas e morais. Assim, o esquema [*boy* X] configura-se como um molde aberto, capaz de gerar instâncias como *boy* miojo (“dura 3 minutos”), *boy* boleto atrasado (“te dá ansiedade só de lembrar que ainda existe”) ou *boy* CLT (“só aparece de segunda a sexta”), em que o sentido global não resulta da soma literal dos constituintes, mas emerge da ativação de frames culturais associados a prazer efêmero, dívida afetiva e rotina laboral, respectivamente. Cada nova ocorrência, portanto, não replica uma forma fixa, mas atualiza um padrão cognitivo reconhecível, revelando como

o uso discursivo — ancorado em convenções sociais e humorísticas — funciona como motor de inovação linguística na rede construcional do PB.

A compreensão do padrão [*boy* X] enquanto construção sintático-semântica produtiva exige, portanto, um aprofundamento em seu polo funcional, ou seja, na dimensão em que o sentido global emerge da articulação entre o elemento fixo e o slot variável. Visto que o significado construcional é convencional e ancorado em associações cognitivas e culturais, a análise dessa rede de sentidos se torna complementar com o aporte da Semântica de *Frames*.

O modelo desenvolvido por Fillmore (1982; 1985), precursor da Gramática de Construções (Boas, 2021), permite identificar e descrever os cenários cognitivos ativados por cada preenchimento do X, revelando como experiências afetivas e de gênero são conceptualizadas a partir de domínios familiares. A próxima seção se dedicará, assim, a mapear a distribuição e a natureza desses frames, investigando como a criatividade linguística do esquema [*boy* X] funciona como um espaço de produção de significados.

4 CORPUS E PASSOS METODOLÓGICOS

O *corpus* deste estudo parte de um fenômeno discursivo que ganhou destaque no *Instagram*, rede social criada em 2010 e hoje consolidada como um dos principais espaços de interação digital. Por sua natureza multimodal, que combina recursos verbais e imagéticos, essa mídia digital tornou-se um ambiente privilegiado para a circulação de sentidos coletivos e a produção compartilhada de significados. Nesse cenário, Olszanowski (2015) descreve a plataforma como uma rede de imagens conectadas, em que o sentido se constrói na interação e no uso de *hashtags*, que funcionam como marcadores de pertencimento e articulação temática. De modo complementar, Milner (2016) entende esse espaço como um ambiente de mídias meméticas, sustentado pela apropriação e pela reelaboração de enunciados culturais. Dessa forma, o *Instagram* pode ser compreendido como um ecossistema discursivo em constante transformação, no qual as práticas de participação e reformulação colaborativa são constitutivas do próprio funcionamento da plataforma. É nesse contexto que se insere o vídeo das influenciadoras *@jugoveiab* e *@pariviello*, cujo conteúdo — “apelidos de machos para usar entre as amigas” — dá origem ao conjunto de construções analisadas neste trabalho.

A partir dessa publicação inicial, seguidoras — em sua maioria mulheres — passaram a participar ativamente nos comentários, criando e compartilhando novas denominações formadas pelo esquema construcional [*boy* X], acompanhadas de definições avaliativas, irônicas e humorísticas. Essas produções coletivas, que circularam amplamente na plataforma, mobilizam práticas de categorização social e afetiva a partir de uma mesma base construcional. O padrão [*boy* X] é entendido aqui como uma construção linguística parcialmente preenchida, composta por um elemento fixo (*boy*) e por um *slot* aberto (X), que admite preenchimentos variáveis conforme o domínio conceptual ativado (*boy Wi-Fi*, *boy boleto atrasado*, *boy miojo*, *boy torresmo* etc.).

A coleta dos dados foi realizada nos comentários do vídeo original e nas postagens subsequentes associadas ao mesmo conteúdo, que, até o momento da análise, contabilizavam mais de seis mil interações. Considerando a grande quantidade de comentários disponíveis à data da coleta, foi feita a leitura das 100 primeiras interações, o que possibilitou a coleta de 66 ocorrências representativas, considerando critérios de completude semântica,² clareza da definição fornecida e relevância interacional (curtidas, respostas e reações de outros usuários).

Cada ocorrência foi transcrita e organizada em uma tabela contendo: (i) a construção completa; (ii) a definição ou explicação fornecida pela usuária; (iii) a data da postagem; e (iv) o perfil de origem. Optou-se, contudo, por não identificar os usuários individualmente, ainda que as postagens sejam de caráter público, em respeito à privacidade e por entender que as enunciações coletadas representam percepções linguísticas compartilhadas socialmente. Assim, as ocorrências foram numeradas e designadas pela forma “Usuário 1”, “Usuário 2” e assim sucessivamente.

A investigação adota a Gramática de Construções (Goldberg, 2006; Croft, 2001; Pinheiro, 2025) para descrever a configuração formal e o estatuto não-composicional da construção aqui analisada. Contudo, o cerne da explicação semântica reside no emprego da Semântica de *Frames* (Fillmore, 1982; 1985). Tal modelo é mobilizado para identificar e descrever os *frames* cognitivos e socioculturais ativados por cada preenchimento do slot X, reiterando a natureza não-composicional do significado.

Dessa forma, investiga-se, primariamente, como as pessoas, no *Instagram*, conceptualizam experiências afetivas e de gênero mediante a evocação de *frames* — abrangendo domínios como o da alimentação (*boy miojo*, *boy torresmo*), da tecnologia (*boy Wi-Fi*, *boy Netflix*), do consumo (*boy boleto atrasado*, *boy Black Friday*) e de personagens culturais (*boy Neymar*, *boy Peter Pan*). De saída, as ocorrências da construção são organizadas em oito *superframes*, que descrevem mapeamentos sociocognitivos amplos e que abrangem *frames* mais específicos. Os *superframes* foram delineados a partir da leitura analítica de cada ocorrência, partindo do entendimento dos autores quanto às porções de conhecimento ativadas pelas expressões. Isso posto, é feita, então, uma análise mais localizada, de ocorrências pertencentes a cada *superframe*.³

Em síntese, a análise do esquema construcional [*boy X*] busca compreender de que modo uma forma recorrente, de natureza parcialmente fixa, funciona como espaço de criatividade linguística e de produção de sentidos sociais. Nas interações mediadas pelo *Instagram*, essa construção é retomada e reformulada por diferentes usuárias, refletindo processos de categorização e avaliação que atravessam experiências afetivas e de gênero. Ao observar esses usos, pretende-se evidenciar como a linguagem, no ambiente digital, se torna um instrumento de humor, crítica e reinterpretação simbólica das relações sociais.

² Por “completude semântica”, entende-se a propriedade de um enunciado que apresenta sentido pleno e autônomo, ou seja, que pode ser interpretado de forma independente, sem necessidade de recorrer a elementos anteriores ou externos ao próprio enunciado.

³ Um quadro contendo a identificação dos *frames* de todas as 66 ocorrências está disponível neste [link](#).

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O percurso analítico tem início com a descrição dos esquemas formais que estruturam a construção [boy X], com foco nas regularidades morfossintáticas que organizam o *slot X* nas construções coletadas. Como mencionado anteriormente, trata-se de um padrão sintático-semântico parcialmente preenchido, em que o termo *boy* atua como núcleo fixo, reiterado em todas as formações, funcionando como categorizador avaliativo de tipos de masculinidade. Já o X realiza-se como espaço aberto de inserção lexical, mobilizando elementos que se vinculam a experiências sociais, frequentemente marcadas por humor, ironia e/ou julgamento moral.

A partir das 66 ocorrências selecionadas, nota-se que, mesmo diante da variação lexical, o padrão mantém uma forma relativamente estável. Em termos estruturais, a maioria das instâncias é formada por sintagmas nominais — seja em estruturas simples (*boy miojo*), modificadas por adjetivos (*boy boleto atrasado*), compostas por locuções prepositivas (*boy banco de praça*), nomes próprios (*boy Neymar*), siglas institucionais (*boy CLT*), ou nomes de marcas e produtos amplamente reconhecíveis (*boy Wi-Fi*, *boy Fandangos*).

Essa combinação entre forma relativamente estável e diversidade lexical contribui diretamente para a produtividade do padrão. Ainda que os preenchimentos surjam de maneira inventiva, a construção preserva uma configuração formal identificável, o que, por sua vez, sustenta sua ampla circulação e legitima seu reconhecimento como estrutura recorrente. Desse modo, a cada nova atualização, não apenas se reinscreve o molde [boy X], mas também se reativa o gesto avaliativo, ancorado em convenções discursivas que associam representações do masculino a práticas, objetos e figuras amplamente reconhecidas na experiência social.

Para fins de exemplificação, a Quadro 2 apresenta os esquemas formais recorrentes no *corpus* coletado, acompanhados de exemplos de preenchimento do *slot X*.⁴

Quadro 2 - Esquemas formais do *slot X* na construção [boy X]

Esquema formal do <i>slot X</i>	Construções
Substantivo simples	Boy Gibi, Boy aluguel, Boy argamassa, Boy boi, Boy cadeira, Boy camarão, Boy chapinha, Boy matraca, Boy melancia, Boy pantufa, Boy piano, Boy pitaya, Boy pudim, Boy remédio, Boy série, Boy silicone, Boy torresmo, Boy uva passa, Boy vapor,

⁴ É importante ressaltar que a listagem dos esquemas baseia-se nas 66 ocorrências analisadas, não implicando um mapeamento exaustivo de todas as possibilidades formais da construção.

	Boy zumbi, Boy lixo, Boy micro-ondas, Boy catapora, Boy delivery, Boy dipirona
Substantivo modificado por adjetivo	Boy arame liso, Boy bicicleta velha, Boy boleto atrasado, Boy cesta básica, Boy jejum intermitente, Boy rádio gospel
Substantivo modificado por locução prepositiva	Boy alegria de pobre, Boy banco de praça, Boy mestre dos magos, Boy geladeira de pobre
Substantivo quantificado	Boy 99 reais
Nome próprio (antroponímico ou personagem)	Boy Batman, Boy Peter Pan, Boy Gabriela, Boy neymar, Boy Labubu
Evento cíclico	Boy eleição, Boy menstruação
Expressão temporal (data ou hora)	Boy 12:59, Boy 1 de abril
Nome de profissão ou ocupação	Boy assistente social, Boy candidato, Boy ilusionista, Boy político, Boy porteiro, Boy eletricista, Boy estagiário
Nome próprio de tecnologia	Boy Wi-Fi
Nome lexicalizado (marca, produto ou programa)	Boy black friday, Boy master chef, Boy crocs, Boy kinder, Boy miojo, Boy netflix, Boy Sazón, Boy corneto, Boy Havaianas, Boy McDonald's, Boy havaiana, Boy fandangos
Sigla institucional	Boy CLT, Boy IML
Adjetivo relacional ou qualificativo	Boy fiado, Boy brincalhão, Boy milionário

Particípio com valor adjetival	Boy alugado
Verbo substantivado	Boy racha

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como sistematizado no Quadro 2, as ocorrências da construção [boy X] revelam uma ampla gama de preenchimentos lexicais, geralmente organizados como sintagmas nominais. Embora os conteúdos variem consideravelmente, a moldura estrutural tende a se repetir, o que contribui para a produtividade e o reconhecimento do padrão. Ainda assim, essa estabilidade formal não garante previsibilidade interpretativa. Ao contrário de expressões como *navio-escola* ou *sofá-cama*, cujos significados derivam diretamente da composição dos termos, as formações com [boy X] ativam sentidos que extrapolam a literalidade — apoiando-se em efeitos de ironia, referências culturais e leituras pejorativas sobre a figura do homem.

Em *boy lixo*, por exemplo, não se trata de um rapaz que recolhe lixo, mas de uma avaliação simbólica sobre certo tipo de masculinidade, associado à ideia de descartabilidade ou toxicidade afetiva. Já expressões como *boy CLT* (“só aparece de segunda a sexta; fim de semana desaparece”) ou *boy Wi-Fi* (“só é bom quando está perto”) mobilizam *frames* não apenas culturais, mas também comportamentais: tratam-se de projeções avaliativas que associam homens a rotinas previsíveis, presenças intermitentes ou relações utilitárias. Em todos os casos, o valor semântico não decorre da composição linear dos termos, mas da ativação de conhecimentos enciclopédicos dos falantes.

É nesse ponto da análise que a Semântica de *Frames* assume papel central, pois oferece o aparato teórico capaz de descrever e sistematizar essa não-literalidade. Ao postular que o significado é acessado e estruturado a partir de sistemas de conhecimento enciclopédico, a Semântica de *Frames* permite compreender como a construção [boy X], em vez de ter um sentido composicional previsível, funciona como um gatilho que ativa *frames* socioculturais complexos.

Como indicamos na seção anterior, dedicada à arquitetura metodológica deste estudo, as 66 ocorrências da construção foram, primeiramente, analisadas a fim de identificar *superframes*, ou seja, estruturas conceptuais maiores, que funcionam, de certa forma, como grandes campos semânticos. A Tabela 1 apresenta a distribuição das realizações de [boy X] nos oito *superframes* identificados.

Tabela 1 - *Superframes* e realizações da construção

<i>Superframe</i>	Realizações de [boy X]	Número de ocorrências
Corpo e desejo	Boy 99 reais, Boy arame liso, Boy argamassa, Boy bicicleta velha, Boy brincalhão, Boy cadeira, Boy camarão, Boy cesta básica, Boy corneto, Boy crocs, Boy eletricista, Boy fandangos, Boy master chef, Boy milionário, Boy miojo, Boy piano, Boy pitaya, Boy pudim, Boy geladeira de pobre, Boy IML, Boy kinder, Boy mestre dos magos, Boy remédio, Boy zumbi, Boy candidato	25
Comportamento e moralidade	Boy 1 de abril, Boy assistente social, Boy eleição, Boy estagiário, Boy boi, Boy ilusionista, Boy melancia, Boy político, Boy uva passa, Boy vapor, Boy dipirona, Boy lixo, Boy gíbi, Boy Gabriela	14
Afeto e relação	Boy alugado, Boy banco de praça, Boy fiado, Boy havaiana, Boy Netflix, Boy pantufa, Boy Peter Pan, Boy série, Boy torresmo, Boy aluguel, Boy catapora	11
Consumo e valor	Boy black friday, Boy boleto atrasado, Boy chapinha, Boy racha, Boy sazón, Boy silicone	6
Tempo e rotina	Boy 12:59, Boy alegria de pobre, Boy Batman, Boy CLT, Boy jejum intermitente, Boy menstruação	6
Cultura e mediação	Boy Neymar, Boy Labulu	2
Trabalho e papel social	Boy porteiro	1
Tecnologia e conectividade	Boy Wi-Fi	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir da Tabela 1, passamos, agora, à análise de algumas das realizações de [boy X]. Foram selecionadas quatro expressões para cada *superframe* que apresentou número de ocorrências superior a este; as ocorrências dos demais *superframes* foram analisadas em sua totalidade.

O *superframe* CORPO E DESEJO concentra as realizações da construção que se ancoram em estruturas de conhecimento sociocultural ligadas à aparência física, hábitos de satisfação e expectativas de utilidade afetiva ou sexual. Nesses casos, o elemento X não denota uma característica literal, mas funciona como um gatilho para a ativação de *frames* que subvertem ou ironizam o homem no domínio das relações e do corpo. A análise de quatro realizações representativas do *superframe* ilustra a projeção semântica e a não-composicionalidade da construção.

Em *boy miojo*, a conceptualização ativada é a de PRAZER RÁPIDO/DURAÇÃO LIMITADA, projetando sobre o homem a ideia de prazer efêmero e satisfação instantânea, sem durabilidade ou profundidade no contexto da relação. Já em *boy arame liso*, o *frame* de IMPOTÊNCIA/INEFICÁCIA SEXUAL é evocado para descrever metaforicamente o comportamento de alguém que está sempre por perto, mas não concretiza o ato sexual (“cerca, mas não fura”). A ocorrência *boy pudim*, por sua vez, ativa um *frame* de DESEMPENHO FRACO/IMPOTÊNCIA SIMBÓLICA, em que a doçura e a flacidez do objeto são transpostas para a condição corporal, classificando o indivíduo como doce, mas mole. Por fim, *boy IML* é o exemplo mais contundente da ativação de um *frame* enciclopédico complexo — DESEJO CARNAL/ESTÍMULO VISUAL —, no qual o significado construcional o classifica como alguém que só se manifesta quando o corpo está sendo “exposto” (em fotos), revelando um interesse puramente utilitário e voyeurístico que implica toxicidade afetiva e desumanização da interação.

O *superframe* COMPORTAMENTO E MORALIDADE agrupa as ocorrências em que o *slot X* é mobilizado para tecer avaliações éticas, sociais ou de caráter sobre os homens, utilizando referências que vão desde datas comemorativas e profissões até termos pejorativos. O sentido é inerentemente irônico e visa categorizar o indivíduo a partir de um desvio moral ou de uma conduta socialmente marcada.

O *boy 1 de abril* ativa um *frame* de DISSIMULAÇÃO/FALTA DE SINCERIDADE, em referência ao Dia da Mentira. A expressão projeta sobre o indivíduo a conduta da inverdade, caracterizando-o como alguém cujo comportamento é desonesto ou baseado em promessas inverídicas, sendo sua aparição ou suas intenções inerentemente fraudulentas. No caso do *boy lixo*, a construção opera por meio de uma metáfora de qualidade moral e descartabilidade. O *frame* de TOXICIDADE EMOCIONAL/ABUSO MORAL é evocado para desvalorizar simbolicamente o homem, associando-o a algo tóxico, inútil ou de baixo valor moral, merecedor de descarte. A expressão faz uma avaliação pejorativa da toxicidade afetiva do indivíduo. A realização *boy ilusionista* remete a um *frame* de IMPREVISIBILIDADE/DUPLICIDADE para categorizar o homem. O sentido construcional aponta para a manipulação da percepção alheia, caracterizando-o como alguém que ludibria, que diz uma coisa, mas age de maneira

contrária, como no exemplo “diz que vai ficar em casa, mas aparece do nada no rolê”. Embora essas construções tenham sido inicialmente analisadas como associadas a *frames* distintos, é possível observar que *boy 1 de abril* e *boy ilusionista* compartilham elementos semânticos ligados a um *superframe* de ENGANO, já que, em ambos os casos, há uma dissonância entre o que é dito e o que é feito. Ainda que apresentem nuances pragmáticas distintas – o primeiro mais vinculado à mentira explícita e o segundo à performance enganosa –, existe uma zona de interseção entre os dois, o que aponta para uma articulação mais complexa entre os *frames* envolvidos. Finalmente, a expressão *boy assistente social* mobiliza um *frame* de CURIOSIDADE INVASIVA/COMPORTAMENTO INADEQUADO. Nesse caso, o significado construcional desvia-se da função institucional literal, projetando um sujeito cuja conduta se relaciona à prática de perguntar à mulher se ela mora sozinha ou, em caso negativo, com quantas pessoas. Esse comportamento revela uma expectativa de disponibilidade sexual, em que o inquérito sobre a residência configura-se como uma sondagem utilitária voltada à realização do desejo no espaço privado da mulher.

O *superframe* AFETO E RELAÇÃO concentra as realizações em que o item *X* opera como uma ferramenta avaliativa da qualidade, utilidade ou comprometimento da figura masculina nas interações afetivas. As ocorrências enquadradas nesse *superframe* parecem expressar ironia, insegurança ou insatisfação com o envolvimento relacional do indivíduo.

A expressão *boy alugado* agencia um *frame* de USO COMPARTILHADO/POSSE TEMPORÁRIA. A construção projeta sobre o indivíduo o estatuto da transitoriedade, classificando-o como alguém cuja disponibilidade emocional é relativa, estando condicionada ao compartilhamento da relação com outras pessoas. O termo implica a falta de um compromisso permanente, refletindo uma avaliação de que o envolvimento não é estável. A ocorrência *boy banco de praça* ativa uma estrutura de USO PÚBLICO/ACESSO MÚLTIPLO. O banco de praça é um local de fácil acesso e uso comum. A construção, por metáfora, avalia a baixa seletividade ou a ausência de valor distintivo do homem. O *boy banco de praça* é, assim, caracterizado como facilmente acessível a qualquer pessoa, desprovido de exclusividade afetiva e disponível de maneira indiscriminada. A ocorrência *boy Netflix* evoca um *frame* de POSSE ILUSÓRIA/COMPARTILHAMENTO. O significado desse uso, segundo o comentário feito no Instagram, é de que se trata de um homem que você que tem, mas todo mundo usa. O homem é, assim, categorizado como aquele que, mesmo estando em uma relação com uma pessoa, mantém-se acessível e utilizado por múltiplos parceiros simultaneamente, tal como uma senha de streaming compartilhada. Por fim, *boy Peter Pan* ativa um *frame* de IMATURIDADE/ESTAGNAÇÃO EMOCIONAL. A referência ao personagem que recusa o envelhecimento e a responsabilidade projeta o sentido de imaturidade afetiva. O *boy Peter Pan* é categorizado como o homem que se recusa a assumir as responsabilidades e os compromissos inerentes a uma relação adulta, permanecendo preso a um estágio de desenvolvimento emocional juvenil.

O *superframe* CONSUMO E VALOR concentra as construções em que o *slot X* remete a domínios do mercado, economia ou publicidade, os quais são mobilizados metaforicamente para avaliar o homem em termos de custo, qualidade, escassez ou valor de troca na relação afetiva.

A expressão *boy Black Friday* ativa um *frame* de PUBLICIDADE ENGANOSA/VALOR ILUSÓRIO. A construção projeta sobre o indivíduo a conduta da falsidade de valor, classificando-o como alguém cheio de promessas verbais ou emocionais, mas cuja entrega ou valor real é ilusório ou inexistente. O *frame* avalia negativamente a discrepância entre a expectativa e a realidade do parceiro, utilizando a metáfora da promoção de varejo para o valor afetivo. O *boy boleto atrasado* agencia um *frame* de DÍVIDA EMOCIONAL/CUSTO AFETIVO. O sentido construcional se projeta sobre a esfera emocional e psicológica, caracterizando o homem como uma fonte de ansiedade, estresse e custo afetivo para a pessoa. A presença do indivíduo é percebida como um encargo inevitável e desagradável, da mesma forma que uma obrigação financeira pendente. Por sua vez, na ocorrência *boy chapinha*, o *frame* de ESCASSEZ FINANCEIRA/VALOR BAIXO é ativado pela metonímia. O *boy chapinha* é categorizado como aquele cuja aparência de “liso” (cabelo) é metaforicamente transferida para a condição econômica, caracterizando-o como alguém sem recursos financeiros ou que “vive liso”. O significado emerge do julgamento de valor baseado na falta de capital. Por fim, *boy Sação* mobiliza o *frame* de USO E DESCARTE/APROPRIAÇÃO DE VALOR. O sentido construcional aponta para a utilidade temporária e o descarte na relação. O *boy Sação* é aquele que cumpre a função de “temperar” ou preparar o/a parceiro/a para outrem, mas sem colher os resultados finais, sendo preterido por um terceiro.

O *superframe* TEMPO E ROTINA concentra as construções cuja avaliação da figura do homem se baseia na previsibilidade, frequência e duração de sua presença, utilizando *frames* que marcam intermitência ou expectativas temporais. A ironia reside em classificar o indivíduo como um ser de disponibilidade restrita ou efêmera.

O *boy 12:59* ativa o *frame* de EXPECTATIVA DE COMPORTAMENTO FUTURO. A referência ao minuto que antecede uma mudança para as 13 horas projeta um sentido de promessa de ação iminente (“uma hora ele dá”). O homem é categorizado pela sua capacidade de gerar uma expectativa de mudança de comportamento. Já o *boy alegria de pobre* mobiliza o *frame* de EFEMERIDADE/FRUSTRAÇÃO DA CONTINUIDADE. A construção, que depende do conhecimento enciclopédico do falante, que precisa compreender a expressão *alegria de pobre dura pouco*, avalia a baixa durabilidade ou a transitoriedade do prazer ou da satisfação proporcionada pelo homem. O sentido construcional equipara a presença do indivíduo a um evento breve, que acarreta frustração. A expressão seguinte, *boy Batman*, mobiliza um *frame* de APARIÇÃO E DESAPARECIMENTO/AUSÊNCIA INTERMITENTE. A referência ao super-herói noturno é utilizada para classificar o homem cuja disponibilidade é restrita a períodos específicos, aparecendo de dia e sumindo à noite. O significado projeta uma intermitência seletiva na relação, evidenciando uma falta de total envolvimento ou compromisso. A última ocorrência desse *superframe* aqui analisada, o *boy CLT*, ativa um *frame* de ROTINA

LABORAL/AUSÊNCIA PERIÓDICA. O indivíduo é categorizado pela sua disponibilidade rígida, previsível e limitada, seguindo a lógica do trabalho formal (ele está disponível de segunda a sexta, mas não aos fins de semana).

O *superframe* CULTURA E MEDIAÇÃO agrupa as construções onde o item *X* é uma figura amplamente reconhecida na cultura de massa ou na mídia, sendo sua imagem ou comportamento projetado metafóricamente sobre o indivíduo para fins de avaliação e ironia.

A expressão *boy Neymar* ativa um *frame* de FALSO DESEMPENHO/EXPECTATIVA FRUSTRADA. A referência ao jogador de futebol, conhecido por simular faltas ou por seu desempenho inconstante, é transposta para o domínio afetivo. O *boy Neymar* é aquele que promete um grande envolvimento ou performance (“um jogão”), mas que, no momento crucial, falha ou “cai”, frustrando as expectativas. Trata-se de uma construção que depende fortemente do conhecimento enciclopédico; não basta conhecer a figura de Neymar como jogador de futebol, mas também o comportamento a ele associado. Já o *boy Labubu* mobiliza um *frame* de ESTÉTICA VAZIA/OBJETO DECORATIVO. Labubu é um *art toy* (brinquedo de arte colecionável), que valoriza a estética e a raridade. O sentido construcional projeta sobre o indivíduo a ausência de funcionalidade ou utilidade prática na relação. O *boy Labubu* é categorizado como alguém cuja presença é meramente ornamental, servindo apenas de enfeite sem oferecer apoio, profundidade ou engajamento significativo.

O *superframe* TRABALHO E PAPEL SOCIAL enfoca uma ocorrência em que a função ou o papel de uma profissão é metafóricamente ativado para avaliar a conduta e a profundidade comunicativa do indivíduo nas relações afetivas.

A expressão *boy porteiro* se vincula a um *Frame* de COMUNICAÇÃO MECÂNICA/SUPERFICIALIDADE. A função essencial do porteiro, de saudar e controlar o acesso, é transposta para o domínio da interação afetiva. O *boy porteiro* é categorizado como aquele cuja comunicação é restrita a formalidades e saudações genéricas (“dar bom dia, boa tarde, boa noite”), desprovida de envolvimento genuíno ou conteúdo profundo. Essa limitação comunicativa é frequentemente observada no uso de recursos tecnológicos, como os mensageiros instantâneos, em que a interação se torna previsível e carente de profundidade dialógica.

O *superframe* TECNOLOGIA E CONECTIVIDADE concentra as construções em que a infraestrutura digital e as suas limitações (presença, distância, imediatismo) são utilizadas metafóricamente para avaliar a intensidade, estabilidade e disponibilidade do envolvimento do indivíduo nas relações afetivas.

A expressão *boy Wi-Fi* mobiliza um *frame* de CONECTIVIDADE/PRESENÇA E DISTÂNCIA. O Wi-Fi é um serviço cuja qualidade e estabilidade dependem diretamente da proximidade ao roteador. Essa característica é transposta metafóricamente para a relação afetiva, classificando o *boy Wi-Fi* como aquele cujo valor e envolvimento são condicionados pela proximidade física (“só é bom quando está perto”). A avaliação

denota que a intensidade relacional é variável, enfraquecendo-se ou desaparecendo à distância, o que aponta para um investimento afetivo que é, simultaneamente, utilitário e intermitente.

O percurso analítico detalhado das realizações da construção [boy X] evidencia o potencial heurístico da interface entre a Gramática de Construções e a Semântica de *Frames* para o estudo do significado linguístico. A Gramática de Construções, ao postular que a gramática é composta por um inventário de pareamentos forma-significado que variam em sua esquematicidade, permite conferir status construcional a um padrão como o que é aqui analisado. No entanto, percebemos que o potencial explicativo maior reside na análise dos *frames*, que oferecem o aparato necessário para acessar e descrever a natureza não-composicional do significado que emerge dessas construções, aqui entendido como estruturas de conhecimento sociocultural e experiencial.

A construção não é simplesmente a soma do núcleo *boy* mais o item *X*, mas um gatilho para estruturas esquemáticas de conhecimento que transcendem o sentido denotativo dos seus constituintes. A análise demonstrou que a ativação de *frames* é o mecanismo central para a atribuição de valor avaliativo e irônico à figura masculina. Os *superframes*, como domínios conceptuais que residem em um nível superior, organizam a produtividade da construção, revelando que o significado é enquadrado por sistemas de conceitos socialmente compartilhados. No caso de *boy Netflix* e *boy boleto atrasado*, por exemplo, o sentido não provém da função primária do item *X*, mas da projeção de *frames* que se vinculam a expectativas e conhecimentos específicos dos falantes, adquiridos via experiência. Isso corrobora a tese de Fillmore de que a Semântica de *Frames* é uma “semântica da compreensão” (Fillmore, 1985), pois o acesso ao significado só é possível pela ativação desse conhecimento enciclopédico, que é inerentemente contextual e cultural.

A relevância dos *frames* é ainda mais evidente naquelas ocorrências que dependem de um conhecimento que é, muitas vezes, atrelado a fenômenos culturais potencialmente passageiros, como é o caso de *boy Labubu*. Saber o que é um Labubu não é suficiente, é preciso também ter conhecimento de que se trata de um ítem decorativo, muitas vezes entendido como fútil.

Essa dependência do conhecimento ad hoc prova que a gramática, no contexto da Gramática de Construções, é, de fato, um continuum léxico-gramatical profundamente ligado ao conhecimento sociocultural. Em suma, a articulação entre a Gramática de Construções e a Semântica de *Frames* não apenas descreve a estrutura da construção, mas também a explica como um fenômeno de categorização social. A Gramática de Construções fornece o molde formal; a Semântica de *Frames*, o conteúdo cognitivo e cultural que preenche esse molde com um significado irônico, avaliativo e sócio-historicamente situado. A análise demonstra, conclusivamente, que o significado construcional é inseparável da ativação de *frames* altamente enciclopédicos, validando o viés sociocognitivo como um arcabouço robusto para a compreensão da dinâmica entre forma e significado.

6 PALAVRAS FINAIS

O presente estudo objetivou analisar a construção [*boy X*] do português brasileiro contemporâneo, evidenciando como a interface entre a Semântica de Frames e a Gramática de Construções se estabelece como um aparato teórico-metodológico robusto para a descrição do significado sociocultural. Os resultados apontam positivamente para a hipótese central de que o sentido dessa construção é predominantemente não-composicional, emergindo não da soma literal dos constituintes, mas da ativação de *frames* conceptuais complexos.

A análise do *corpus* revelou que a produtividade da construção se organiza em torno de *superframes* (como CORPO E DESEJO, TEMPO E ROTINA e CONSUMO E VALOR), os quais atuam como domínios que enquadram o julgamento moral e a crítica social à figura masculina. O item *X* funciona como um gatilho para os *frames*, transpondo o conhecimento enciclopédico de itens como *Netflix*, *boleto atrasado* ou *IML* para a esfera afetiva e comportamental. Esse mecanismo de projeção, por sua vez, valida a natureza da teoria de Fillmore como uma “semântica da compreensão”, que exige a mobilização de conhecimento de fundo para a atribuição de significado.

Cabe ressaltar que se reconhece a limitação inerente ao *corpus*. Restrito a 66 ocorrências coletadas em interações majoritariamente femininas no Instagram e ancoradas em um único evento discursivo, os resultados refletem uma conceptualização do masculino altamente contextualizada, delimitada tanto pela plataforma quanto pelo viés de gênero. Investigações futuras poderiam expandir a coleta para outros ambientes digitais e incluir o discurso masculino para validar e refinar os *superframes* identificados.

Dito isso, em síntese, o esquema analisado demonstra, portanto, ser uma unidade avaliativa sensível ao contexto sociocultural. Sua produtividade atesta que a gramática não se restringe a padrões sintáticos regulares, mas engloba um vasto inventário de construções idiomáticas e formulaicas que codificam julgamentos e conceptualizações sociais. O sucesso explicativo do modelo teórico, neste estudo, reitera o potencial do viés sociocognitivo para a ciência linguística, capaz de integrar o conhecimento cultural e experiencial diretamente na arquitetura dos estudos gramaticais e semânticos.

REFERÊNCIAS

- BARÐDAL, J. *Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008. <https://doi.org/10.1075/cal.8>
- BOAS, H. C. Construction Grammar and Frame Semantics. In: XU, W.; TAYLOR, J. R. (ed.). *The Routledge Handbook of Cognitive Linguistics*. 1. ed. New York: Routledge, 2021.

- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CZULO, O.; WILLICH, A.; ZIEM, A.; TORRENT, T. T. A multilingual approach to the interaction between frames and constructions: Towards a joint framework and methodology. *Constructions and frames*, v. 17, n. 2, 2023, p. 59-90. DOI: <https://doi.org/10.1075/cf.00067.czu>. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/cf.00067.czu>. Acesso em: 18 out. 2025.
- DIESSEL, H. *The Grammar Network: How Linguistic Structure Is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: THE LINGUISTICS SOCIETY OF KOREA (Org.). *Linguistics in the Morning Calm: Selected Papers from SICOL-1981*. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982. p. 111-137.
- FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, n. 2, p. 222-254, 1985.
- FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, New York, v. 64, n.3, p. 501-538, 1988.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. Construções: uma nova abordagem teórica para a linguagem. Tradução: Jéssica Aguirre. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 31, p. 189-203, 2012.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. 2nd. edition. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2019a.
- HILPERT, M. Higher-order schemas in morphology: What they are, how they work, and where to find them. *Word Structure* 12/3, p. 261-273, 2019b.
- LAKOFF, G. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A. (org.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.p. 202-251.
- LANGACKER, Ronald W. Absolute construal. In: HEYVAERT, F. J.; STEURS, F. (org.). *Worlds Behind Words: Essays in Honour of Prof. Dr. F. G. Droste on the Occasion of His Sixtieth Birthday*. Leuven: Leuven University Press, 1989. p. 65-75.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: Volume I: Theoretical prerequisites*. Stanford university press, 1987.

MORATO, E. M.; BENTES, A. C. Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 55, n. 1, p. 125–137, 2013.

PARINTINS LIMA, R. Frames em textos: enquadramentos de racismo em artigos de opinião sobre a #SomosTodosMacacos. *Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura*, v. 26, n. 2, p. 1–18, 2024.

PINHEIRO, D. *Curso básico de Gramática de Construções*. São Paulo: Contexto, 2025.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ÁLVARO, P. T.; FERRARI, L. (org.). *Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. Campos de Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016.p. 20-41.

SANTOS, A. N. *A Sugestão Legislativa nº 15/2014: entrelaçamentos e reenquadramentos de frames semânticos no debate sobre os direitos reprodutivos das mulheres no Brasil*. 2020. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

SANTOS, A. N.; SOUZA, D. S.; CHISHMAN, R. Reframing the frame: toward a socio-cognitive perspective on fillmorean theory. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 67, n. 00, p. e025027, 2025. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v67i00.8680047>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8680047>. Acesso em: 19 out. 2025.

SANTOS, A. V.; SIMÕES NETO, N. A. O esquema construcional [[X]-[mor]]N na história da língua portuguesa. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 18, p. 125-140, 2020;

SIMÕES NETO, N. A. O padrão [[X]N de Taubaté]N no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 265-290, 2019

SIMÕES NETO, N. A. Compostos com síndrome e complexo no português brasileiro: uma abordagem construcional. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 3373-94, 2018.

SIMÕES NETO, N. A.; RODRIGUES, L.S. Antropônimos esporádicos no português do Brasil: o caso das construções [MC X]N (Nonce anthroponyms in Brazilian portuguese: the [MC X]N constructions case). *Estudos da Língua(gem)*, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 83–109, 2023. DOI: 10.22481/el.v21i1.10356. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/estudosdalinguagem/article/view/16232>. Acesso em: 11 dez. 2025.

SIMÕES NETO, N. A. Morfologia Cognitiva, uma abordagem construcionista: fundamentos teórico-epistemológicos e análise da construção [X-cefalia] no português brasileiro. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 1-33, 2024

SIMÕES NETO, N. A.; SOUZA, D. S. A Americanas foi de Mesbla, a Netflix vai de Blockbuster e eu quase fui de Olavo de Carvalho: a construção de fim/morte/falência com o padrão no português brasileiro contemporâneo. *Soletas*, Rio de Janeiro, v. 45, p. 39-67, 2023.

SIMÕES NETO, N.A.; SANTOS, A. V.; SALVADOR, I. L. Compostos com fobia: um estudo construcional em perspectiva histórica. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 71-91, 2022.

SIMÕES NETO, N. A.; OLIVEIRA, R. A.; BORGES, D. O esquema [maria N]N no português brasileiro contemporâneo: estudo construcional de compostos [NN]N. In: SIMÕES NETO, N. A.; BORGES, D. KNOTH, J. V. (Org.). *Pesquisas contemporâneas sobre a língua portuguesa: perspectivas funcionalistas, cognitivistas e construcionais*. Salvador: EDUFBA, 2025.

SIMÕES NETO, N.A.; SANTOS, A. V.; SALVADOR, I. L. Compostos com fobia: um estudo construcional em perspectiva histórica. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 71-91, 2022.

SIMÕES NETO, N. A.; OLIVEIRA, R. A.; BORGES, D. O esquema [maria N]N no português brasileiro contemporâneo: estudo construcional de compostos [NN]N. In: SIMÕES NETO, N. A.; BORGES, D. KNOTH, J. V. (Org.). *Pesquisas contemporâneas sobre a língua portuguesa: perspectivas funcionalistas, cognitivistas e construcionais*. Salvador: EDUFBA, 2025

SIQUEIRA, A. C. T. A semântica de *frames* na análise do discurso discente: traçando o perfil do professor de português. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

SOUZA, D. S.; SANTOS, A. N.; CHISHMAN, R. All roads lead to semantic frames: how Fillmore's frame theory became the quiet backbone of cognitive linguistics. *Signo*, v. 50, n. 99, p. 27-39, 2025. DOI: <https://doi.org/10.17058/signo.v50i99.20507>.

Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/20507>. Acesso em: 19 out. 2025.

STEMBERGER, J. P.; MACWHINNEY, B. Are inflected forms stored in the lexicon? In: HAMMOND, Michael; NOONAN, Michael (orgs.). *Theoretical Morphology*. New York: Academic Press, p. 101-116, 1988.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução: Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

VEREZA, S. Entrelaçando *frames*: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 55, n. 1, p. 99-124, 2013.

Recebido em: 29/10/2025

Aprovado em: 27/11/2025

Publicado em: 08/01/2026